

Primeiro Capítulo

Bruno estava a acordar. O quarto parecia às escuras. Sustendo a respiração, aferiu o teor da escuridão, interrogando-se se seria de noite ou de dia, manhã ou tarde. Se fosse de noite seria mau, podendo mesmo ser péssimo. De tarde também poderia ser péssimo, se tivesse acordado cedo de mais. O drama do adormecer e do acordar tornara-se inquietante e assustador agora que a própria consciência poderia revelar-se um fardo demasiado pesado. Havia que usar da astúcia. Nunca dormitava de manhã com o receio de não ser capaz de adormecer a seguir ao almoço. A televisão tinha sido banida com as suas tristezas postiças e as suas imagens da guerra. Talvez tivesse passado pelas brasas enquanto lia o seu livro. Tivera outra vez o mesmo sonho, em que entravam Janie e Maureen e o alfinete de chapéu. Tacteu em volta e começou a soerguer-se nas almofadas, escarafunchando com os pés de meias calçadas o interior da caixa metálica que lhes retirava o peso dos cobertores de cima. Roupa de cama apertada é uma das principais causas de problemas nos pés. Não que os pés de Bruno importassem muito nesta fase.

Não era de noite, graças a Deus. Acanhados, a alma e o corpo foram-se remexendo, até se descobrirem ao fim de um tempo. Bruno recordou, ou percebeu sem saber bem como, que era de tarde. Embora as cortinas estivessem bem fechadas, vigorava nos rebordos uma claridade fria e avermelhada. O sol estaria a brilhar lá fora, um sol fresco e primaveril, projectando uma luz desenxabida sobre a pecaminosa Londres e o transbordante Tamisa e as enegrecidas torres aneladas da central eléctrica de Lots Road, que seria possível ver da janela assim que Adelaide aparecesse às cinco horas para abrir as cortinas. Bruno esticou-se para apanhar os óculos, aproximou o relógio do re-

bordo sombrio da cortina e distinguiu que eram quatro e um quarto. Interrogou-se se deveria chamar Adelaide, tendo optado por não o fazer. Conseguiria aguentar-se durante três quartos de hora sem os horrores. Além do mais, Adelaide era uma criada um pouco irascível que não apreciava convocatórias prematuras. Ou talvez se tivesse tornado irascível apenas no último ano. Partiria ela os melhores pratos de propósito? As bandejas vinham sempre com migalhas. Bruno estava já tão velho, tão aborrecido com a prolongada doença.

Não recebeu cartas nesse dia. Nenhuma viria com o correio da tarde. Porém, quando chegavam, as cinco horas da tarde eram o momento mais aconchegante do dia, o melhor momento, sem dúvida, com o chá e os queques e as torradas com anchovas e uma variedade nova de compota e o *Evening Standard* e depois Danby a chegar a casa vindo da tipografia. Sabia melhor no Inverno, quando ardiam brasas no seu quarto e lá fora estava escuro. Aquele lícido sol primavera era seu inimigo, e as tardes intermináveis de Verão uma tortura para o pensamento. Teria apreciado um lume de brasas nesse momento, só que dava tanto trabalho e nem mesmo Nigel, que pensava em quase tudo, se lembrara. Bruno tomaria chá, prolongando-o o mais possível, para então ler o *Evening Standard*, começando pelas tiras de banda desenhada, depois o noticiário das seis na telefonia, depois meia hora à conversa com Danby, nunca sobre trabalho, como é óbvio, antes sobre coisas engraçadas que tivessem acontecido no dia de Danby. Em seguida, talvez brincar com o telefone ou dar uma espreitadela aos selos e nisto seriam sete e poderia começar a beber champanhe, seguindo-se a leitura de livros sobre aranhas ou um policial, depois viria o jantar trazido por Nigel, e depois uma conversa com Nigel e depois, a cargo de Nigel, os preparativos para dormir. Nigel dos dedos angelicais, esmerado a afofar as almofadas. Danby, que dizia que Nigel não era de confiança, ameaçou despedi-lo certa vez. Danby não poderia saber que Nigel partira a taça de Simla. Bruno não podia esquecer-se de dizer que tinha sido ele a parti-lo.

Mas claro que Danby não mandaria Nigel embora à revelia de Bruno. Nigel não era propriamente enfermeiro de formação, tendo apenas sido assistente hospitalar ou algo assim, mas tinha imenso jeito para as almofadas e para o ajudar a sair da cama, era de uma delicadeza extrema. Danby era um genro bom para Bruno. Jamais mandaria o velhote para um lar, Bruno tinha plena noção disso. Anos antes, Danby insistira com veemência para que Bruno fosse para sua casa e re-

cebesse todos os cuidados. Danby era generoso, embora tudo não passasse certamente de uma questão de temperamento e de uma saúde de ferro e de andar sempre com fome e pronto para um copo. Se visse a civilização a ruir clamorosamente diante de si, Danby era homem para se animar se alguém lhe oferecesse um gim com vermute. Sabe Deus o que a filha de Bruno teria visto em Danby, sendo Gwen uma rapariga tão forte e séria, e Danby um trôpego frequentador de bares. As mulheres eram inexplicáveis. No entanto, ter-se-iam amado. Bruno lembrava-se disso, embora a pobre Gwen tivesse morrido muito antes.

Via agora na penumbra do quarto a bossa do apoio para os pés, o caixote de madeira que guardava a coleção de selos em cima da mesa, a garrafa de champanhe em cima da estante com tampo de mármore, e ali perto, na parede, a fotografia da sua mulher, Janie, numa moldura quadrada. Janie morrera vinte anos antes de Gwen, embora parecessem agora igualmente distantes. A fotografia de Gwen continuava lá em baixo, em cima do piano. Bruno não conseguia reunir a coragem para pedir que a trouxessem. Três semanas antes, ouvira inadvertidamente Adelaide dizer a Nigel: «Ele nunca mais vai descer.» Assaltara-o uma sensação de injustiça, a par de um calafrio de pavor. Como poderia admitir aquele «nunca mais»? Já lá ia mais de um mês desde a última vez que descera. Embora tal não significasse «nunca mais». Ainda era capaz de ir à casa de banho com certa facilidade. Todavia, porque é que Nigel não parava de falar em arrastadeiras e de dizer que eram muito convenientes e que nesse dia ele estaria certamente demasiado cansado para se deslocar? Estaria Nigel a prepará-lo para essa fase? Enfim, não chegara ainda esse momento. Tinha a certeza quanto a isso, embora já não lhe apetecesse saber o que cochichavam Danby e o idiota do médico no patamar. O idiota do médico dissera-lhe que talvez lhe restassem anos de vida. «Ainda há-de viver mais do que todos nós!», dissera, com uma gargalhada vigorosa, deitando uma espreitadela ao relógio. Anos não significavam nada de preciso. De todo o modo, teria de viver três anos, era algo que se impunha para enganar as Finanças, viver três anos tinha a força de um contrato.

Quando deveria estar a pensar na morte, estou a pensar em impostos sucessórios, pensou Bruno. O que não era propriamente altruísta. Assemelhava-se mais a uma incapacidade patética, mesmo nesta fase, de se livrar de uma noção de propriedade. Era tudo uma confusão pegada.

Sentia-se deveras aturdido nesse dia, era dos comprimidos, embora eliminassem de facto as dores. Ou talvez os soporíferos de brometo estivessem a envenená-lo aos poucos. Às vezes sentia-se baralhado, com uma sensação de desconchavo em nada semelhante à euforia do champanhe, e ouvia-se a falar em voz alta sem saber do que estava a falar. Um milhão de neurónios são destruídos todos os dias após os vinte e cinco anos, dissera-lhe certa vez Danby, que o lera no jornal dominical. A esse ritmo, sobraria ainda algum neurónio quando estivessemos bem para lá dos oitenta, interrogou-se Bruno. Havia dias mais límpidos. As dores eram agora muito menores. É fabuloso aquilo de que é capaz a ciência. Bruno precisava de se informar acerca da doação entre vivos e transferir para outrem a colecção de selos, impedindo assim que as Finanças ficassem com ela. A colecção de selos deveria valer umas vinte mil libras. Qualquer pessoa gostaria de receber vinte mil libras isentas de impostos. Como o seu pai odiara oferecer-lhe a colecção na recta final. Via ainda com nitidez, uma pequena imagem colorida no recôncavo do seu pensamento, a mão branca e esguia a empurrar a caixa na sua direcção sobre a mesa de mogno. O pai moribundo a dizer-lhe com amargura: «Se a venderes, Bruno, seu idiota, serás enganado como gente grande.» Enfim, não a vendera, até a expandira um pouco, até a amara um pouco, embora nunca tivesse sido um filatelista a sério como o pai. Guardara-a para alguma aflição, e agora a sua vida abeirava-se do fim sem que nenhuma aflição tivesse surgido. Poderia ter dado uma volta ao mundo. Ou adquirido grandiosas obras de arte para as apreciar. Ou comido ostras e caviar todos os dias. Ou oferecido a colecção a uma instituição de caridade. Precisava de se informar acerca da doação entre vivos, como funcionava, mas não lhe apetecia perguntar a Danby. Apesar da sua generosidade extrema, Danby era um homem completamente mundano. Danby andaria a interrogar-se sobre quem ficaria com os selos. Bruno também se interrogava. O seu genro Danby ou o seu filho Miles? Porém, não via Miles havia vários anos. Miles rejeitara-o muito antes.

Claro que todos lhe causavam sofrimento, a toda a hora, não havia como evitar. Bruno era capaz de descortinar as suas suposições, as suas ideias que, já não se ficando por si, o transpunham a alta velocidade, rumo a um tempo inimaginável em que ele já não existiria. Tornara-se um monstro para eles. «Um velhote excelente», ouvira alguém chamar-lhe assim anos antes, mais do que lhe agradaria pensar. O que

seria ele agora? Na sua própria consciência, dificilmente se tinha como velho. Via que as suas mãos tinham envelhecido. Era algo em que reparava ao passear pela colcha da cama aquelas duas coisas torcidas, ressequidas e profusamente pintalgadas. Já não se olhava ao espelho, embora sentisse por vezes, como uma máscara, o fantasma do seu rosto muito mais jovem. Apenas se vislumbrava nos olhares desviados de Danby e Adelaide, nas miudinhas aversões que não eram capazes de disfarçar. Não era apenas o cheiro, era o olhar. Ele sabia que se tornara um monstro, com cabeça de animal, cabeça de touro, um minotauro cativo. O seu rosto assemelhava-se agora ao de uma das suas aranhas, a *xysticus* porventura, ou a *oxyptila*, que têm cara de sapo. Abaixo da cabeçorra emergente prolongava-se o estreito corpo, essa forma humana contingente e improvável, exangue, macilenta, alongada, malcheirosa. Vivia agora num tubo, como a *atypus*, tornara-se um tubo. *Soma sema*. O seu corpo era de facto um túmulo, um túmulo grotesco, desprovido de beleza. Quão diferente lhe surgia agora a morte em relação ao que lhe parecera três anos antes, quando ainda tinha o seu cabelo branco. A morte real nada tinha a ver com obeliscos e anjos. Não era de admirar que todos desviassem o olhar.

A tipografia deveria ser uma espécie de monumento, só que ele encarava ainda a tipografia como sendo uma criação do seu pai. Gater & Greensleave. Agora deveria ser Greensleave & Odell, estando Danby à frente dos seus destinos, mas Danby recusara-se a alterar a designação, apesar de o velho Gater ter passado os últimos quarenta anos morto. À guerra seguira-se um período complicado, em que era difícil encontrar peças sobresselentes para os prelos norte-americanos, mas a situação lá foi recuperando. Dever-se-ia a Danby? A variedade foi o segredo, sem que houvesse nada demasiado modesto: programas, catálogos, folhetos, cartazes, cartões do bingo, revistas estudantis, papel para escrever. Bruno dera o seu melhor em prol do estabelecimento. Nascera para ele, por ele, praticamente nele, com os estalidos dos monótipos a ressoarem nos seus ouvidos de bebé. Porém, nunca se sentira em casa entre os prelos e a sua estranha linguagem privada sempre se revelara uma língua estrangeira. Sempre sentira um certo receio da tipografia, tal como receara os cavalos que o pai o obrigara a montar em criança. O caso mudava de figura com Danby, que, não possuindo nenhuma inclinação natural nem dons criativos, nem sendo sequer um intelectual, ganhara o gosto pela impressão ao casar com Gwen, como se se tratasse da coisa mais natural do mundo. Bruno, que